

REVISTA DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 20 DE NOVEMBRO DE 1919

N.º 82

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE... \$70 || ANO..... 3\$00
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) TEL. 2337-C. — LISBOA

O TURISMO EM PORTUGAL

TURISMO E JOGO

TEMOS-NOS propositadamente absteido de versar este delicado assumpto, esperando o momento oportuno em que as nossas considerações tivessem o valor da auctoridade que nos assiste em materia de tanta monta.

Devêmos, em primeiro lugar, dizer que não confundimos *turismo e jogo*, como systematicamente temos visto conjugar; porque, acima de tudo, possuímos, além d'um sufficiente conhecimento da causa que defendemos, a verdadeira noção do valor das nossas palavras.

Sabemos perfeitamente bem, que para haver turismo não se torna indispensavel a existencia do jogo. Conhecemos, senão profundamente, mas d'uma forma bastante, quaes as exigencias do *turista*, na sua lata acepção, e a maneira de se satisfazerem.

Não nos é extranha, tambem, a forma de os atrair e de os tornar os melhores propagandistas das condições originaes e especiaes de cada terra.

Não só o nosso natural raciocínio como o estudo constante dos recursos postos em pratica nas nações, que antes da guerra se dedicaram á industria do turismo, taes como a França, a Suíssa e a Alemanha, e que agora, depois de terminada a grande hecatombe mundial, procuram ao mesmo tempo elevar-se no conceito geral e extrair, por essa industria, os maiores e mais proveitosos beneficios do seu valioso patrimonio, explorando-o largamente — como o já estão fazendo, além d'aquelas três nações, mais a Belgica (com as suas dolorosas recordações), a Hespanha e a Italia, nos teem conduzido a uma mais completa e real noção do que se torna neces-

sario ao nosso paiz, para que ele possa ser, um dia, o paiz de turismo por excelencia, como — de ha muito — lhe competia.

D'ahi o termos defendido já, n'estas columnas, a regulamentação do jogo em Portugal; defesa que não regeitamos, antes confirmamos, por vêr n'ela talvez o maior recurso não propriamente para a atração dos forasteiros internacionais, mas para que d'ele o paiz tire o proveito que lhe é absolutamente necessario para oferecer a esses mesmos forasteiros todas as facilidades e comodidades que d'outra forma não vemos meio de se estabelecerem, dadas a nossa falta de educação, o natural retraimento de capitaes para emprezas patrióticas, a nossa pequenez, o errado criterio e a falsa interpretação da realidade das coisas, além de sujeitar-se tudo ás vicissitudes ora inconcebiveis d'um burocratismo cahotico.

Eis, pois, a razão porque admitimos, em o nosso país, a conciliação, **mas nunca a confusão**, do assumpto relativo á regulamentação do jogo com o do estabelecimento da industria do turismo em Portugal.

Foi tambem devido ao mesmo raciocínio que já uma vez não duvidámos em ir mais além, na apreciação da regulamentação do jogo, defendendo a sua acção inclusivamente na capital. Porém, então, no artigo em que a tal aludimos, justificámos com argumentos suficientes, a razão d'essa defêsa.

E pensamos hoje da mesma forma. Assim, pois, o nosso silencio sobre o projecto que se acha dependente da sanção parlamentar, embora d'ele

tenhamos apenas um superficial conhecimento, representa a nossa aprovação, não *in extenso* a todas as suas bases especiaes, mas reservada, todavia, á sua estrutura geral.

Tratando-se d'uma resolução, embora não completamente satisfatoria, do grande e complexo problema da industria da vilegiatura em o nosso Paiz, faltariam aos deveres da nossa propria missão se lhe regateassemos o nosso apoio, condicional, todavia, á apreciação dos seus resultados praticos; só lamentando que os que se dizem seus representantes em Côrtes, se entrettenham com assumptos de *lana caprina* e de politica de regedoria, em vez de darem a primasia á discussão, votação e aprovação da lei sobre o turismo, que se acha submetida ao altissimo criterio parlamentar e cuja execução não só os mais directamente interessados, **mas todo o Paiz**, reclamam urgentemente como um dos mais valerosos esteios da sua prosperidade.

Crêmos que d'esta clara exposição, não se poderá inferir que consideramos a industria do turismo subsidiaria da do jogo. Assim, nunca dissémos nem poderíamos dizer, que da regulamentação do jogo nos adviria o caudal de oiro que tanto nos é preciso. Só leigos em materia de vilegiatura poderiam dizer um dispauterio de tal calibre. Para nós a industria do turismo não é subsidiaria de nenhuma outra, antes — pelo contrario — todas d'ela dependem. E' por isso que achamos absolutamente indispensavel o estabelecimento d'uma direção superior, autonoma e completamente livre de todas as peias burocraticas, para ordenar e orientar as ações dispersas e indeterminadas, de forma a que, da sua natural conjugação, resultem os beneficios geraes e especiaes que, d'outra maneira, nunca poderão produzir-se.

Sobre esse ponto temos multiplas vezes insistido; e assim continuaremos, por estarmos convencidos de que só d'essa forma se conseguirá alguma coisa.

Se não se proceder assim, obrigando a uma tutela as industrias subsidiarias do turismo, todos os interes-

ses, que n'ele poderiam encontrar uma solida base de desenvolvimento, se amarfanhão n'uma luta inglória, de que apenas poderá resultar, para o nosso Paiz, o descrédito e o seu conseqüente isolamento do mundo civilizado.

JOSÉ LISBOA.

UM GRANDE PROBLEMA

A HOTELERIA PORTUGUEZA

TERMINOU a grande guerra mundial; e, com o desaparecimento dos seus ecos, vão também desfazendo-se as varias e inumeras companhias de seguros que, por aquele motivo, nasceram n'este rincão de sol e moscas com a scleridade progressiva dos cogumelos.

Chegou a haver em Lisboa mais companhias seguradoras do que... casas de batota, o que é um facto de especial significação.

Passada, pois, a oportunidade de existencia d'esse rendoso negocio d'ocasião, eis que os capitalistas — classe que atualmente abunda no nosso meio social — se dispõem a colaborar no resurgimento do nosso paiz pela industria de turismo, constituindo empresas para a exploração de hoteis, na patriótica idéa de proteção a essa industria e na de beneficiarem a do turismo.

D'ahi, ser voz corrente e ponto assente a formação de sociedades para a exploração de hoteis em Portugal, principalmente em Lisboa.

A idéa é generosa se fôr simplesmente patriótica, e se obedecer ás regras que não podem hoje ser desprezadas na construção de hoteis e na exploração d'essa industria, e aos principios que só os verdadeiros technicos no assumpto podem estabelecer.

Porém, segundo o que sabemos uma só d'essas empresas, d'entre tantas que temos visto enumeradas, se acha nas condições de poder satisfazer cabalmente aos seus especiaes fins: é a sociedade dos grandes Hoteis de Portugal, da qual fazem parte, além de individualidades sobejamente apreciadas entre as forças vivas da nação, os srs. Manuel Roldan y Pego, coronel Ferreira Madail e Pedro d'Oliveira Pires, todos directores da Sociedade Propaganda de Portugal, sendo os dois ultimos membros natos da Comissão de Hoteis da mesma sociedade.

E', pois, esta a empresa que se impõe pela autoridade dos seus organisaadores, que são pessoas competentissimas para se abalançarem a um

empreendimento em que não ha a contar com os destinos da sorte, mas sim e sómente com a sciencia, com o criterio e com a pratica.

Acresce, ainda, que essa sociedade se propõe a constituição da «Casa Colectiva Portuguesa», que, espalhada em diferentes bairros, fornecerá habitação para 50 familias, que tanto podem ser portuguezas como estrangeiras, com 3 ordens de aposentos:

—Pequenos: com uma saleta, 2 quartos, casa de banho e W. C.; médios: com uma saleta, 4 quartos, casa de banho e W. C.; grandes: com duas saletas, 5 quartos, casa de banho e W. C.

Estes aposentos privativos, serão alugados aos semestres, sem mobilia.

A parte colectiva de cada casa, estabelecida no rez-do-chão e em parte do primeiro andar, compreenderá:

O restaurante com serviço de pensão mensal, a preço que representar economia sensível sobre o que cada um gastaria em sua casa; sala de fumo; sala de leitura; sala de palestra; salão de musica; cabine telefonica; ascensor; lavanderia, engomaderia e casa de costura; serviços administrativos; armazem de generos, caves, etc.

As casas colectivas deverão ser constituídas pelos systemas das grandes empreitadas da Alemanha e dos Estados Unidos da America, que representam uma economia de 50 % sobre os que habitualmente se empregam em Portugal.

O ferro e o cimento armado devem ser usados por forma a tornar a construção incombustivel, e a realizar um maximo de resistencia contra os tremores de terra.

Haverá centraes de aquecimento, iluminação electrica, limpeza pelo vacuo, distribuição de agua esterilizada pelos raios ultravioleta, distribuição de gelo no tempo quente, a exemplo do que se está actualmente practicando nos Estados Unidos.

Onde possa haver risco de incendio, usar-se-hão os *sprinkler* americanos.

Por cada grupo de casas colectivas, haverá uma garage, jardim, etc.

A constituição d'esta sociedade é digna do maior aplauso e do mais franco concurso. A das outras que por ahi andam angariando meios de vida, poderá também ter o aplauso unanime dos que se tem dedicado ao estudo das multiplas questões de turismo se a construção de hoteis, a que visam, assim como a respectiva exploração, forem subordinadas aos preceitos d'uma lei que dê sufficiente autoridade á instancia official que de direito deve intervir n'essas questões.

Esta nossa apreciação não tende a defender quaesquer interesses, nem tampouco, a evitar a concorrência, sempre benefica nos ramos comercial e industrial; mas ela obedece simplesmente ao receio d'um provavel desastre, que é o que acontece sempre a quem não tem a noção do valor das coisas, nem a sciencia para as explorar, mórmente n'uma ocasião como esta, em que se procura captar o estrangeiro.

Compete, pois, á repartição que oficialmente pode, ainda que por uma forma semi-platonica, intervir no assumpto, evitar que, d'esta ancia d'explorações a esmo, a que se estão dedicando os nossos capitalistas, resultem incalculaveis prejuizos para Portugal, em vez dos beneficios de que tanto carece a industria de turismo, que tão mal está sendo comprehendida pela maioria das pessoas.

J. L.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes, que foram avisados para pagamento dos recibos de assignatura que, pelo correio, enviámos á cobrança, e que não satisfizeram a respectiva importancia, rogamos a extrema fineza de nos enviarem, em vale do correio ou selos, a quantia correspondente, afim de nos evitarem novas despesas de cobrança pela mesma via, que hoje são quantiosas.

Aos nossos novos assignantes muito lhe agradeciamos também, pelo mesmo motivo, a remessa para a nossa Administração, Largo da Abegoa-ria, 28, Lisboa, da importancia correspondente á assignatura d'um semestre, ou seja 70 centavos.

DE PARIS A LONDRES

UMA VIAGEM AÉREA

TINHAMOS chegado ao aerodromo de Bourget, pouco antes do meio dia...

Mas não; devemos primeiro contar que Marques da Silva, regressado ha dias de Londres, para onde fôra em aeroplano, é um comerciante em Paris, o primeiro portuguez que fez uma viagem comercial a Londres, em aeroplano. Esse nosso compatriota, tendo recebido um telegrama da capital ingleza, convidando-o a ir ali urgentemente assignar um contracto, não tinha outro recurso do que a utilização da linha aérea directa de Paris-Londres, que sae regularmente da primeira cidade, todos os dias, ao meio-dia, chegando á ultima pelas duas e meia da tarde.

Nada melhor para quem o tempo é precioso, como succede com Marques da Silva.

Sabedores d'essa forçada viagem, preparámo-nos para o entrevistar, se bem que tivéssemos *rendez-vous* marcado para as 16 horas, para tratar d'outros assumptos. Sem perder mais um minuto, dirigimo-nos ao elegante escriptorio, onde o nosso presado amigo se occupava do seu importante expediente.

Contou-nos então o que tinha feito e as impressões da sua viagem.

«Era obrigado — disse-nos ele — a estar em Londres ás 4 da tarde. Como indo pelo comboio só ali chegaria ás 6 1/2, decidi-me a ir de aeroplano. Fiz, pois, visar o meu passaporte, comprei um bilhete para o omnibus-aéreo e... parti.

«Acompanhado de Manuel Carlos Pereira, cheguei ao aerodromo de Bourget, pouco antes do meio-dia. O omnibus-aéreo estava, porém, cheio e em preparativos de partida. Que fazer? — ficar? perder a viagem e, portanto, o contracto, confirmando mais uma vez os já maus creditos da pontualidade dos portuguezes?...

«A sorte, porém, veio em nosso auxilio, pois um outro aeroplano — o S. A. 2, ia tambem partir sem passageiros. Como esse aparelho tem três logares para convidados, foi-nos oferecida passagem; o que aceitámos com alegria.

«Fomos, pois, ocupar dois d'esses logares, arrumando a nossos pés a pequena bagagem que levávamos.

«Disponhamo-nos a abrir a cigarrreira para distraidamente fumar um cigarro, quando o piloto nos avisou de que era inteiramente prohibido fu-

mar, pois, podia dar-se uma explosão.

«Resignámo-nos e guardámos o tabaco.

— A subida fez-se sem dificuldade? perguntámos interessados.

«Nem a sentimos. O piloto annunciou-nos que a 800 metros, eram 4 horas e 18 minutos. Mas o aeroplano subia, subia sempre, e a uma hora depois de levantarmos vôo estávamos a 3.000 metros. Em baixo, através a bruma que embaciava a Flandres, víamos a linha ferrea Paris-Boulogne, onde comboios, em verdadeiras miniaturas, como brinquedos



MARQUES DA SILVA

de creanças, se escapavam pelos caris fóra. Por cima, um sol lindo, parecido com o nosso doce sol de Portugal, alindava a atmosphera trazendos uma recordação viva da Patria distante.

— E puderam vêr sempre terra?

«Não, nas alturas de Boulogne, uma densa neblina transportou-nos ao reino das nuvens. Ali cruzámos com outros aeroplanos. A nossa vista, então, apenas seguia o voitar das helices do motor, cujo barulho ensurdecedor nos impedia de conversar.

— A que horas atravessáram a Mancha?

«Era uma hora e meia da tarde.

«A travessia fez-se n'um quarto de hora.

«E ali foi-nos dado vêr o mar, que se estendia em baixo como n'uma carta geographica. Pequenos torpedeiros sulcavam a agua com rapidez; grandes vapores em pachorrenta marcha, expeliam pelas suas altas chaminés arabescas penachadas de fumo; as praias ao longo da costa pareciam

o pequeno rebordo d'uma tapeçaria estendida.

«O nosso aeroplano voava então a 150 milhas á hora.

— E a chegada a Londres? — inquirimos cheios d'entusiasmo.

«Não descemos em Londres, proseguiu Marques da Silva, entusiasmado. — O imenso nevoeiro que cahia sobre a grande capital britanica impedia-nos de o fazer ali. Fomos aterrar a Peshurst, distante 60 milhas de Londres, onde o comandante militar nos recebeu fidalgamente, e nos ofereceu logo o seu automovel para nos conduzir ao nosso destino.

— De modo que...

«A's 4 horas entrávamos no escriptorio para onde tínhamos sido convidados e onde eramos aguardados com anciedade.

«Foi uma honra para nós, portuguezes, que assim mostrámos ser, tambem, pontuaes como os subditos do Rei Jorge.

— Quanto custou a viagem?

«Setecentos francos! Como vê não é caro.

— E qual a sua impressão sobre as viagens aéreas — perguntámos ainda, estendendo a mão para o chapéu.

«Que dentro de pouco tempo o caminho de ferro e o vapor estarão irremediavelmente vencidos. O aeroplano será o grande meio de locomoção do futuro. Poder-se-ha ir a Lisboa, almoçar com um amigo, fazer depois um negocio em Londres, e voltar n'esse dia para jantar tranquilamente em a nossa casa de Paris.

As altas chamas do fogão, elevando-se com ardor juntaram-se á entusiastica phantasia de Marques da Silva.

Assim terminou essa agradável entrevista, que me obrigou tambem a conceber planos idealistas...

Paris, novembro 1919.

GUERRA MAIO.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe communicações que interessem ao seu fim especial.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do País.

ARTE E LITERATURA

OS POETAS DA QUADRA

Dizei-me, ó rosas do monte,
E ondas que andaes a fugir,
Quantos amores se querem
Para um peito se partir?

ANTHERO DE QUENTAL.

A rosa que tu me deste,
Peguei-lhe, mudou de côr:
Tornou-se de azul-celeste,
Como o céu do nosso amôr.

JOÃO DE DEUS.

Saudades que me vão n'alma
Ninguem as pôde contar;
São tantas como as estrelas,
Como as areias do mar.

SIMÕES DIAS.

Ó roussinol, quem dá ais
Lá para as bandas do mar?
É o meu amôr que na cova
Leva as noites a chorar!

GUERRA JUNQUEIRO.

Soube que estavas doente,
Logo a Deus pedi, rezando,
Que a mim me tire a saude
E que depois t'a vá dando.

FERNANDES COSTA.

Dizem que eu que sou alegre,
Quando vou para cantar;
Não sou alegre nem triste,
— Sou como as ondas do mar!

ANTONIO BOTTO.

Vaes-te, e o meu coração fica
Que se o visses tinhas dó:
Ah! não haver na botica
Remedio p'ra quem está só!

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Disseste-me adeus, cantando;
Fallou verdade o cantar:
Quanta vez a gente canta
Com vontade de chorar.

RIBEIRO DE CARVALHO.

Os lenções com que o covreiro
Nos faz a cama no chão
Para o somno derradeiro,
Nunca mais se mudarão.

ANTONIO NORRE.

Ó ondas do mar salgado,
D'onde vos vem tanto sal?
Vem das lagrimas choradas
Nas praias de Portugal!

ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA.

Por que fui dançar á boda,
Em que foi que te offendi?
Andei sempre á roda, á roda,
Mas sempre á roda de ti.

AUGUSTO GIL.

Os teus olhos são tam lindos,
Que me lembram não sei bem,
Se a mãe de Nosso Senhor,
Se a minha mãe que Deus tem.

VICENTE ARNOSO.

A CIDADE DE EVORA

RESUMO HISTORICO E DESCRIPTIVO

No penultimo numero d'esta Revista referimo-nos com aplauso á constituição d'um grupo d'eborenses, com o fim especial de reorganisar o museu da historica cidade de Evora. Não podia essa idéa deixar de merecer o nosso melhor acolhimento.

E uma vez que recebemos com entusiasmo essa feliz noticia, não podemos deixar de fazer um resumido relato historico d'essa interessante cidade; que não só em importancia pela sua vida propria, como em riqueza, é uma das primeiras do nosso paiz, pois não só em valores moveis possui talvez as mais preciosas reliquias, mas adentro dos seus muros encerra, em imoveis, verdadeiras joias historicas e artisticas.

Não é bem conhecida a data da fundação d'esta cidade; podendo, todavia, assegurar-se que ela já existia dois mil anos antes de Christo.

Segundo rezam os compendios, no ano de 1166 foi Evora tomada aos mouros por Geraldo Sem Pavôr, que depois a entregou a D. Afonso Henriques, recebendo por esse facto a mercê de ser seu Alcaide-Mór.

Em memoria d'este facto, o brazão de Evora conserva ainda a figura do grande guerreiro, a cavallo, com a dextra erguida, ostentando uma espada nua; vendo-se tambem uma cabeça de homem e outra de mulher, que representam o mouro e a moura que Geraldo Sem Pavôr matou ao conquistar a cidade.

D'entre os seus preciosos monumentos destacam-se os seguintes:

A Torre do Sertorio

E' um monumento muito notavel não, pela sua construção mas pela sua historia, principalmente o papel que representou por occasião dos tumultos de Evora, no reinado de D. João I.

Esta torre está servindo hoje de posto meteorologico. Do ponto mais elevado avista-se um panorama lindo da cidade e seus arredores.

O Templo Romano ou de Diana, e Jardim

Proximo da Torre do Sertorio encontram-se as ruínas d'um templo, é o Templo de Diana hoje bastante deteriorado pelo tempo. Este templo é do seculo II. Tem umas enormes colunas construidas em granito sendo as bases e capiteis de marmore branco.

Em frente d'este templo ha um pequeno mas bonito jardim onde se ergue um busto do Dr. Barahona, a quem a cidade de Evora deve a maior parte dos seus melhoramentos.

A Sé

Tambem proximo do templo de Diana ergue-se este grande e magestoso edificio. E' um dos mais importantes e dignos de atenção do visitante, não só pela sua valiosa construção e antiguidade, mas tambem pelas reliquias que possui.

Este edificio foi fundado no ano de 1224, pelo Bispo D. Payo, segundo se julga.

Tem 43 metros de comprimento por 20 metros de largura e compõe-se de três naves, sendo uma central guarnecida por colunas e as outras duas lateraes.

Na nave da direita salta logo á vista uma grande figura de homem, em pedra, com um paralelepipedo na mão, tendo esculpidas umas letras d'um belo gotico, redondo, em relevo, que se supõe serem as iniciaes do esculptor.

O corpo da igreja é do mesmo estilo, tendo muito poucos ornatos, assim como o cruzeiro onde se encontra um lindo zimbório.

Das tres capelas que existem no templo, cinco são no cruzeiro.

O côro é muito importante pela sua linda obra de talha.

Na capela-mór ha uns monolitos de ladrilho que vieram de Montes Claros. Esta capela não é a primitiva. Foi começada a sua construção no ano 1718, tendo levado 26 anos.

Pelo claustro ha tambem arcadas e estatuas em pedra de um grande valor e que merecem toda a atenção do observador.

N'uma das capelas encontra-se um sarcophago onde jazem os restos mortaes do Bispo D. Pedro, fundador do claustro. N'uma das paredes está tambem a campa do Bispo Juliano. Em outra capela existem tambem dois sarcófagos pertencentes á familia dos Condes de Basto.

O tezouro é riquissimo, e são principalmente dignos de atenção entre muitos outros objectos, os seguintes:

- 1.º Uma cruz de ouro tendo: 840 diamantes rosa; 402 rubis; 180 esmeraldas; 2 safiras; 1 jacinto e um camafeu de agatha representativo da imagem de Nossa Senhora.
- 2.º Baculo de prata dourada do seculo XVI.
- 3.º Porta paz de prata dourada do seculo XVIII.
- 4.º Custodia e calice de prata dourada do seculo XVI.
- 5.º Calice de ouro esmaltado.

Entre os paramentos, que são riquissimos, destaca-se um palio com pinturas feitas por um frade, empregando tintas preparadas por ele, com flores.

São tambem muito interessantes: os bustos de S. Pedro e S. Paulo em marmore, a capela do Esporão, a porta da sacristia, o crucifixo da ca-



EVORA - O Templo de Diana

pela-mór, a capela do Santissimo, o batisterio, o côro, a sua porta de entrada, os orgãos, etc.

Junto da capela-mór ha uma pedra com a descripção da batalha do Salado.

Tem tambem este templo um grande terraço d'onde se disfruta um panorama lindissimo. D'aqui se vê a cidade, Arrayolos, Evora-Monte, Redondo, etc.

O Paço Archiepiscopal

Este sóbrio edificio fica situado junto da Sé, tendo sido construido no ano de 1180.

Tem quadros d'uma importancia excepcional, não só pela sua antiguidade, mas pelo trabalho admiravel que representam.

Devem tambem ser examinadas com cuidado duas mesas com os tampos em marmore preto com embutidos a côres.

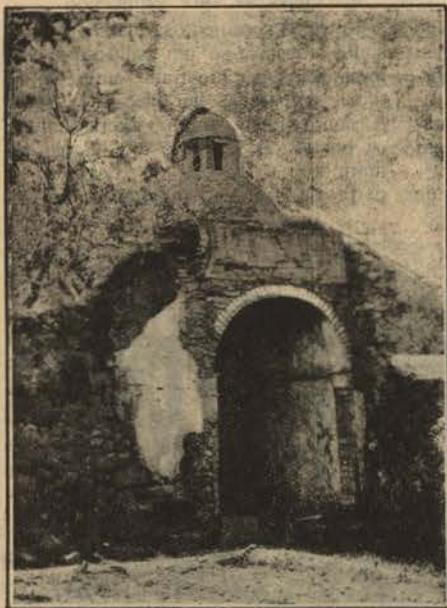
A Biblioteca Publica

Foi fundada em 1814 por Frei Manoel do Cenaculo Vilas Bôas.

No pavimento terreo tem duas salas denominadas Cenaculo e Botelho Lima. No outro pavimento ha as salas de leitura, Rivara, Filipe Simões e uma sala recentemente construida chamada sala nova.

Esta biblioteca é importantissima pela raridade e antiguidade das obras que possui, todas de um grande valor, havendo obras completas impressas ha 395 anos.

Na sala Botelho Lima ha, entre



EVORA—Arco Sertorianus

muitas coisas de valor, uma riquissima colleção de azulejos que pertenceram a diversos edificios existentes em Evora, e que para ali foram levados.

Ha tambem cipos mosaicos romanos muito antigos, um cofre de ferro de grande valor, uma porta de carvalho interessante e valiosa, etc.

O Palacio Cadaval

Tambem chamado das cinco quintas; é um dos mais belos e magestosos palacios da cidade de Evora. E' estilo Arabe.

Tem duas lindas torres, janelas mouriscas, duas janelas geminadas com molduras de pedra, capiteis de marmore, etc.

O conjunto de todas estas coisas dão-lhe um aspecto sumptuoso e tornam-no digno da visita e da atenção do touriste.

A Igreja dos Loyos

Fica situada perto do Palacio Cadaval.

N'esta igreja, pertencente ao seculo

XVI, foi onde no ano 1491 se celebrou pela primeira vez a missa do Natal.

Do lado direito ha um portal onde se vê uma lapide com uma inscrição comemorativa da fundação da igreja.

O portico é em estilo gotico, as molduras ogivais e os bustos em marmore.

Ha no pavimento da capela da Senhora do Rosario duas campas de chapas de bronze em relêvo. São de arte flamenga. Ha, além d'estas campas, muitas outras espalhadas pelas diversas capelas da igreja e que não são menos dignas de exame.

As paredes são revestidas de azulejos riquissimos representando a vida de varios santos.

E' tambem muito notavel um portico que existe á entrada do refeitório que é de estilo gotico e arabe.

O Palacio da Inquisição

Este palacio hoje propriedade particular, situado proximo do Templo de Diana, é um dos melhores seis palacios da inquisição que existiram em Portugal.

Deve visitar-se a sala dos julgamentos, que é digna de admiração e cujo tecto todo em carvalho possui o brazão da Santa Inquisição.

Os autos de fé eram primitivamente feitos na Praça do Geraldo, passando depois a ser no Rocio de S. Braz.

Palacio dos Condes de Basto

E' hoje propriedade particular e tem apenas interesse historico.

Conserva ainda uns frescos notaveis.

Ermida de S. Miguel

E' uma pequena ermida situada perto do Palacio dos Condes de Basto já em ruinas.

Seminario Arquiepiscopal

E' no edificio pertencente ao antigo Colegio da Purificação que foi começado a construir no ano 1579, tendolevado aproximadamente a sua construção 26 anos.

A capela é muito linda. Tem um crucifixo de marfim do seculo XV, uma custodia estilo renascença, etc.

Casa Pia

Foi fundada no ano 1836, no antigo Colegio Espirito Santo da Companhia de Jesus.

As partes sul e oriental do edificio, estão hoje ocupadas respectivamente pelo Governo Civil e Repartição de Fazenda.

O pavimento terreo que é hoje ocupado pelo Liceu Central, foi n'outros tempos ocupado pela Universidade.

Tem anexa uma igreja que foi fundada em 1574, onde se encontram obras de talha, em mosaico, azulejos, esculturas, arcadas e colunas lindissimas.

Tem tambem um importante zimbório.

Universidade

E' toda formada por arcos assentando sobre 49 colunas e 20 meias colunas de marmore.

Tem no pateo uma fonte de marmore muito interessante.

Tem marmores, pinturas, quadros, azulejos polycromos de um valor e interesse excepçionaes.

Casa Garcia de Resende

Situada no Rocio de S. Manços possui esta casa uma das janelas mais lindas e ricas da cidade.

E' estilo maneolino.

Espalhadas por varios edificios da cidade ha algumas janelas no mesmo genero, sendo as principaes: no Palacio da Inquisição e no antigo palacio do Morgado Pegas.

Todas tem grande valor; no entanto, destaca-se d'entre elas a da casa Garcia de Resende.

Capela de S. Manços

Situada na rua d'este nome, tem apenas interesse historico.

Como construção nada tem de notavel.



EVORA—Vista parcial

A Misericórdia

Foi fundada no ano 1499.

Tem uma igreja de uma só nave, com quatro altares, sendo três ao fundo e o restante lateral.

As paredes são todas revestidas de azulejos valiosos, representando scenas da historia sagrada.

O seu portal, tambem muito importante, é em vinhatico.

No arquivo encontram-se documentos importantissimos pertencentes ao seculo XIV.

Anexo tem a secretaria e farmacia.

Possue ainda um hospital denominado Hospital do Espirito Santo, situado junto aos muros da cerca nova, na parte oriental da cidade.

Muros da Cerca Nova

São assim denominados os restos das antigas muralhas que circundam a cidade, conservando ainda, as comunicações para o exterior, as designações de portas, como as de Machede, Mesquita, Alconchel e Aviz.

Só restam vestigios d'esta ultima, conservando-se ainda o respectivo arco com o competente nicho na parte superior.

Egreja de S. Vicente

Situada na rua do Infante.

Foi mandada construir por Luiz Loy, creado do Infante D. Henrique, em 1467.

Nada tem de notavel a não ser a sua antiguidade.

Egreja da Graça

Foi fundada no ano 1529.

A sua frontaria é dos tipos mais caracteristicos do estilo renascença; é lindissima pelo conjuncto das suas estatuas, columnas, trofeus, etc.

Na igreja, que se acha completamente em ruínas, estão, na capela-mór, os tumulos dos Vimiosos. Ainda ali existem uns interessantes medalhões datados de 1537.

O convento que foi aproveitado para quartel de Infantaria, encontra-se hoje abandonado pelo seu estado de ruína.

Quartel de cavalaria

Foi fundado no ano 1807.

É um dos melhores quarteis do paiz. Tem uma enorme parada e quatro torredões.

Anexo tem um picadeiro e uma enfermaria para tratamento dos cavalos pertencentes ao regimento.

Perto d'este quartel existe um hospital militar.

Além d'estes ha outros edificios de igual apreço, os quaes nomearemos no proximo artigo descriptivo.



CARTA DA BELGICA

Bruxellas, Novembro 1919.

CONTINÚO hoje a descripção iniciada na minha anterior e a que então puz ponto para não ocupar, d'uma só vez, muito espaço da «Revista de Turismo.»

E prosigo n'essa descripção, porque achei tão interessante o que vi que, certamente, será tambem agradável aos que me lerem, saborear, mesmo atravez a sua insuficiencia, as impressões que colhi.

Depois que deixámos o «cemiterio dos tanks» dirigimo-nos para Ypres, a bela cidade de renome universal, principalmente pela sua architectonica cathedral, pela sua magestosa Camara Municipal, e ainda pela sua original «Halle aux Draps.»

A nossa anciedade em constatar-mos as informações mais pessimistas que nos tinham chegado, era enorme. Tinha-nos dito que nada estava de pé; o que achámos exagerado. Todavia, não escondíamos o desejo de verificar, com os nossos proprios olhos, a exactidão do que nos disseram.

Seguimos, pois.

Subitamente, a uma volta da estrada por onde os nossos autos corriam velozmente, achámo-nos deante d'essas indescriptiveis ruínas do que hoje, apenas, resta d'essa famosa cidade.

Um cemiterio imenso, as ruínas d'uma casa e um montão de destroços... eis tudo!!!

A torre da famosa «Halle des Draps», demolida de cima para baixo até mais de meia altura, parece querer encontrar nas ruínas alheias compensação para as suas proprias.

Percorremos a pé todo esse vasto campo, dramatico e funebre. Silenciosos, com o horror nos labios a emudecer-nos a voz, olhámos e olhámo-nos como que interrogando se o que estávamos vendo era a perfeita realidade!

E então ocorreu-nos perguntar, a nós proprios, se seria possivel que os homens tivessem podido destruir o que dois seculos não abalou!

Não havia duvida. Ali tínhamos, na nossa frente, a mais cathorica resposta a essa nossa pergunta.

Um fremito de comiserção se apoderou de nós, por essas victimas que a noção do dever arrastou a um tão barbaro fim.

A comoção que se experimenta ao examinar-se esse quadro, não tem possivel tradução. É preciso ir ali para que ela seja sentida em toda a sua extensão, para se avaliar o que foi essa hécatombe, sem memoria!

Assim foi a nossa primeira impressão, que mais sentida se tornou ao passo que a nossa vista ia passando sobre os destroços em que se transformou a Perola da Flandres.

Da «Halle des Draps», que alem da torre quasi desfeita, apenas tem de pé uns pequenos arcos das instalações inferiores, seguimos pela cathedral, simplesmente marcada hoje por vestigios do seu sumptuoso portico; mais adiante, os restos do Hospital de Notre-Dame, que mal já indicam a existencia d'esse monumento de caridade. Fóra d'isto, nada mais acusa vestigios d'existencia.

Todo o resto é: ruínas, escombros, o funebre reino da morte!

Tivemos de fazer um esforço sobrenatural para sahir d'esse campo. Não sentimos a sensação do pavor que em geral se apodera dos espiritos fracos, nem tampouco a atração da desgraça. Ficámos sob o dominio do torpor, hypnotisados por tão extraordinario espectáculo.

Tínhamos, porem, de partir para Ostende, unico sitio onde se póde encontrar pousada e onde, efectivamente, ela nos estava reservada.

D'Ypres a Nieuport, passámos por Dixmude, atravessando o pequeno bocado que representava a Belgica livre durante os tristes quatro anos da guerra.

Por toda a parte não se vê senão restos das pavorosas inundações propositadamente ocasionadas pelos alemães para impedir a retirada do inimigo; trincheiras a descoberto umas, subterraneas outras, todas, porem, denunciando as mais lacinantes agonias da amargura humana. Montões de arame farpado, batido asperamente pela metralha, residuos de frondosas arvo-

res arrancadas ás suas seculares raízes pela força brutal dos canhões, completam esta verdadeira e trágica tela que nenhum pintor poderá descrever com a perfeição da realidade com que se apresenta.

Proseguimos por entre esse cemitério humano, onde d'um e d'outro lado, a toda a periferia da vista, não se energeza senão um doloroso aglomerado de cruces em tosca madeira, indicando a pousada eterna dos bravos combatentes da grande batalha.

No alto de cada uma d'essas cruces acha-se uma *cocarde* com as côres da bandeira da nacionalidade dos respectivos mortos.

Aqui e ali, os restos d'um avião, marcando a queda d'um infeliz soldado.

Assim, fomos seguindo através Bœsinghe e Steenstraat, sem quasi darmos por isso, pois nem o mais leve vestígio se topa que possa indicar a existência d'essas antigas vilas.

Antes de chegarmos a Woum, contemplámos as ruínas do castelo de Blankkaart, que apenas tem intacta uma só parte da fachada.

Entrámos, depois em Dixmude, a histórica cidade que foi, n'um mixto de galhardia e ferocidade, defendida pelas «Damas da roseta vermelha» e pelos fusilheiros de marinha do Almirante Ronarch.

Aqui, ainda menos se encontra vestígios d'esta outr'ora florescente cidade. Simples montões de pedras indicam que ali houve qualquer burgo habitável.

Que horror!

Uma simples ponte de madeira liga as duas margens do Yser, que apesar da sua fraqueza e insuficiência, resistiu ao embate dos ferozes alemães, graças ao heroísmo dos que defenderam esse pequeno palmo da terra belga.

Ahi, face a face, separados apenas por esse histórico Yser d'uma dezena de metros de largura, alemães d'um lado, belgas e francezes do outro, em lugubres trincheiras, se transformaram em entes ferozes sob o âmbito da mais cruel e pungente situação.

Seguimos em direção a Oostkerke, Peroyse, Ramscapelle e outras povoações de que não existe signal nenhum. Por toda a parte o mesmo quadro de devastação, a mesma trágica visão do horror!

Nem um só ente vivo!

Nem um unico signal de vida!

Ao aproximarmos-nos de Nieuport, constatámos algumas arvores de pé, como que admiradas da sua propria existência!

Chegámos enfim, a Nieuport-Ville, destruída igualmente *de fond en comble*, tendo os automoveis parado no sitio onde se achava instalada a Câmara Municipal.

Aqui examinámos uma cidade subterrânea, feita e ocupada pelos habitantes que não quizeram deixar o seu forrão natal, e pelas tropas que a ocuparam, para assim se defenderem do bombardeamento incessante dos canhões «boches».

O que foi a vida d'essa pobre gente durante os penosos quatro consecutivos anos da guerra, ninguem poderá fazer uma idéa.

Em seguida, fomos examinar as comportas das *Cinco-Pontes*, chave do systema d'inundação sob as ordens do Grande Quartel General e ponto de mira dos bombardeamentos. E' este um dos sitios de maior curiosidade e obrigatório para a visita do turista.

Um caso singular que constatámos em Nieuport — é que vimos ali, nos seus proprios logares, todas as placas indicativas das ruas!

Ali, como em toda a parte, de resto, não encontramos uma unica casa de pé!

Deixámos Nieuport, para chegarmos antes da noite a Ostende, tendo atravessado Lombaertzyde e Westende, onde a guerra fez menos estragos.

A estrada por onde seguimos corre ao lado das famosas dunas, que, apesar de todos os desejos «boches», estes

não conseguiram, como queriam, instalar n'elas a sua artilheria peçada para d'ali bombardearem a Inglaterra.

Ao passo que nos aproximámos de Ostende, iam assignalando signaes de vida, o começo do intenso movimento que se nota já hoje n'essa antiga praia, uma das de maior renome mundial.

Em Ostende pouco mais se nota do que algumas casas destruídas, assim como umas grossas peças instaladas deante do Kursaal.

Ahi visitámos depois o lugar onde os inglezes meteram a pique o «Vindictive», no intuito de impedir a sahida dos submarinos alemães que faziam refugio na larga bahia.

Esta operação que representa uma grande audacia dos inglezes, aqui, como em Zeebrugge, não deu resultado.

O enorme navio de guerra repousa meio deitado na areia, perto do canal, insensível ás arremetidas do mar.

Nada mais se vê n'esse mar, outr'ora tão movimentado por embarcações principalmente de recreio. Descançámos então a nossa vista, duplamente fatigada de vêr horrores e tristezas.

J. C.

NOTICIAS DIVERSAS

SUISSA

A feira d'amostras em 1920

Todos os industriaes e artistas da Suíça foram já convidados a tomar parte na feira d'amostras que brevemente terá lugar em Bâle.

De ano para ano a concorrência a esta feira tem augmentado consideravelmente e com ela a sua importância, tendo assim conseguido já um renome universal.

A exemplo da feira de Lyon, a feira de Bâle, proporciona aos productores e industriaes a melhor forma de fazerem propaganda dos seus productos, uma maneira assaz proveitosa com o menor dispendio.

Para o commercio e consumo, esta feira uma demonstração concentrada de todos os ramos de produção.

Se a existência d'esta feira se mostrou indispensavel durante a guerra, de futuro ela não fará mais do que confirmar os seus principios economicos.

A reabertura das fronteiras e o reatamento das relações commerciaes internacionais elevarão ainda mais a sua já consagrada importância.

ITALIA

Circulação dos automoveis suíços

Por motivo da prohibição da importação dos automoveis em Italia, medida tomada para beneficiar a industria italiana

de automoveis, só os carros dos automobilistas suíços, portadores d'uma autorização especial passada pelo Ministerio das Finanças de Roma, podiam atravessar a fronteira e ingressar no reino de Victor Manuel.

Todavia, em virtude de instancias do Touring-Club-Suíço, o mesmo Ministerio acaba de decretar que os automobilistas suíços portadores do *triptyque* do mesmo Touring-Club, tenham livre circulação em todo o territorio italiano, apenas sob a condição de que os seus carros voltem ao ponto de partida e não fiquem em Italia.

Com esta salutar e patriótica medida, que muito agradou aos seus visinhos da nação helvetica, o governo italiano mostrou o empenho em que está de conceder a maior protecção á industria do seu paiz.

AMERICA

Uma dadiwa á França

O Club dos Passaros e das Arvores, de New-York, acaba de oferecer á Sociedade forasteira Iorena dos Amigos da Arvore e ao Sindicato dos Proprietarios Silvicultores do Sul da França, a soma de 5.000 francos destinada á reconstituição dos bosques e florestas destruídas pela guerra nos campos francezes.

E' este mais um gesto com que a America do Norte transmite a sua muita sympathia pela grande republica latina, onde os yankees tem sempre encontrado o melhor acolhimento.

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»
Largo da Abegoria, 27—Lisboa